

Surdina

No ar sossegado um sino canta,

Um sino canta no ar sombrio...

Pálida, Vênus se levanta...

Que frio!

Um sino canta. O campanário

Longe, entre névoas, aparece...

Sino, que cantas solitário,

Que quer dizer a tua prece?

Que frio! embuçam-se as colinas;

Chora, correndo, a água do rio;

E o céu se cobre de neblinas.

Que frio!

Ninguém... A estrada, ampla e silente,

Sem caminhantes, adormece...

Sino, que cantas docemente,

Que quer dizer a tua prece?

Que medo pânico me aperta

O coração triste e vazio!

Que esperas mais, alma deserta?

Que frio!

Já tanto amei! já sofri tanto!
Olhos, por que inda estais molhados?
Por que é que choro, a ouvir-te o canto,
Sino que dobras a finados?

Trevas, caí! que o dia é morto!
Morre também, sonho erradio!
A morte é o último conforto...
Que frio!

Pobres amores, sem destino,
Soltos ao vento, e dizimados!
Inda vos choro... E, como um sino,
Meu coração dobra a finados.

E com que mágoa o sino canta,
No ar sossegado, no ar sombrio!
— Pálida, Vênus se levanta.
Que frio!